

A VISÃO DO CORPO HUMANO EM DUAS MODALIDADES
DE USO DA LÍNGUA

Suzana Alice Marcelino Cardoso (UFBA)

Examino, neste trabalho, um conjunto de designações para partes do corpo humano, considerados dois ambientes sociolingüísticos diferenciados. De um lado, trago o testemunho de falantes de áreas rurais da Bahia e de Sergipe, a partir dos dados que se registram no *Atlas Prévio dos Falares Baianos - APFB*¹ e no *Atlas Lingüístico de Sergipe - ALS*², e de outro, as correspondentes formas para os mesmos conceitos ocorrentes na *langue*, no uso padrão da língua.

A língua, por essência, um código verbal, e para alguns grupos sociais também um código escrito, serve à comunicação e se apresenta como meio de acesso ao domínio da cultura de uma coletividade, permitindo que através dela se organize toda uma visão de mundo. Dessa forma, a escolha de nomes para objetos, seres e sensações que constituem o mundo bio-social em que se insere o falante reflete, muitas vezes, o sentimento do usuário da língua diante de cada fato, a sua interpretação da realidade e a própria interação com ela. Com tal entendimento, selecionei alguns tópicos da área semântica **corpo humano** com vistas a examinar as designações ocorrentes nas áreas rurais da Bahia e de Sergipe, tomadas a informantes de ambos os sexos e de escolaridade nula ou apenas alfabetizados, relacionando-as com o que se estabelece como formas usuais do padrão da língua para, por fim, tentar encontrar os veios que orientam a seleção de tais formas e as possíveis explicações sociolingüísticas que podem ser encontradas (quando puderem ser encontradas e se é que podem!).

Os itens selecionados são: **dentes caninos, nuca, clavícula, seio pequeno, útero e tornozelo**. Cada item será examinado na perspectiva onomasiológica, buscando-se a seguir analisar as tendências que se verificam na seleção de nomes a designar cada uma dessas partes do corpo humano tomadas para análise.

Na Bahia e em Sergipe, para os conceitos acima indicados, ocorrem as designações que, a seguir, se apresentam para cada um dos itens.

Dentes caninos (APFB, Carta 54; ALS, Carta 54) - Registrou-se, basicamente, a resposta *presa*, no singular ou no plural, em todas as localidades de Sergipe e em 49 das 50 da Bahia. Com ocorrências únicas, figuram *serra* e *mourão*, na Bahia.

Nuca (APFB, Carta 56; ALS, Carta 58) - Foram registradas oito diferentes lexias para identificar o conceito "nuca", três das quais comuns à Bahia e Sergipe e as demais específicas de uma ou de outra região, como se vê do quadro abaixo:

	Bahia	Sergipe
<i>nuca</i>	21 ³	11
<i>cangote</i>	38	4
<i>cabelouro</i>	4	5
<i>toitiço</i>	3	--
<i>cachaço</i>	1	--
<i>carote</i>	1	--
<i>encaixo</i>	--	3
<i>pescoço</i>	--	1

Clavícula (APFB, Carta 57; ALS, Carta 59) - Das designações documentadas duas são comuns a Bahia e Sergipe: *clavícula*, realizada sob um considerável número de variantes fonéticas, e *osso-da-fome*, registradas, a primeira, em 8 e 6 localidades, respectivamente para Bahia e Sergipe, e a segunda em 4 e 10 pontos. Afora essas duas lexias, na Bahia ocorreram ainda *cantareira*, em 38 localidades, e *sangradouro*, em uma localidade.

Seio pequeno (APFB, Cartas 59 e 60; ALS, Carta 61) - As designações registradas foram numerosas e, como se verá a seguir, movidas, basicamente por um processo associativo de natureza metafórica. Registraram-se: *imbu* (-; 1)⁴, *lima* (-; 1), *liminha* (-; 1), *limão* (-; 2), *limãozinho* (3;1), *maracujzinho* (-;1), *laranja* (-;1), *mamão* (1;-), *mamãozinho* (2;-), *buzinho de seio* (-;1), *buzinho do peito* (2;7), *buzo* (11;3), *buzinho* (8;2), *buzina* (-;1), *botão* (2;-), *botãozinho* (1;-), *carocinho* (-;1), *buço* (1;-), *úbere* (2;-), *tutuba* (1;-) e *saburim* (-;1).

Útero (APFB, Carta 61; ALS, Carta 62) — Registram-se 14 designações, 4 das quais são comuns a Bahia e Sergipe. O quadro abaixo apresenta a distribuição e número de ocorrências das formas.

	Bahia	Sergipe
<i>saco</i>	4	4
<i>saquinho</i>	1	3
<i>bacia</i>	2	1
<i>bacio</i>	1	1
<i>dona- do- corpo</i>	26	--
<i>mãe- do- corpo</i>	5	--
<i>senhora- do- corpo</i>	1	--
<i>madre</i>	1	--
<i>comadre</i>	1	--
<i>útero</i>	21	--
<i>ovo</i>	1	--
<i>fato</i>	--	1
<i>companheira</i>	--	1

Tornozelo (APFB, Carta 63; ALS, Carta 64) — O último dos conceitos destacados para essas considerações tem, como o anterior, um extenso rol de formas. Assim, registram-se para a Bahia e Sergipe: *junta* (17;9), *rejeito* (9;5), *mocotó* (9;2), *mondrongo* (1;4) e *cotovelo* (4;1). As demais ocorrências distribuem-se da seguinte maneira: na Bahia estão *peador* (21), *tornozelo* (2) e *contonhão* (1). Em Sergipe registram-se ainda: *machim* (2), *joaninha* (1) e *tronco* (10).

O conjunto de formas apresentadas para recobrir estes seis conceitos referentes a partes do corpo humano demonstram o alto grau de expressividade e criatividade que envolve a linguagem rural em contraposição à linguagem urbana ou à linguagem culta, como assinalou Carlota Ferreira (1988:106; 1994:104) em circunstanciado estudo sobre denominações para *rótula*⁵, ao dizer que

O polimorfismo lingüístico se faz sentir muito mais nas falas rurais, longe da força coercitiva, unificadora, da escola, dos meios de comunicação coletiva oral e escrita, longe da busca dos ideais de perfeição lingüística.

O exame das respostas anotadas mostra, nesses casos em estudo, a predominância de formas que fogem ao uso culto ou padrão da língua e assinala a prevalência daquelas outras de criação local ou de reprodução de um processo de metaforização generalizado. Assim, para **dentes caninos** não se registrou uma única vez a forma de *langue*, considerando-se as cinquenta localidades da Bahia e as quinze de Sergipe, tendo ocorrido *presa* de maneira geral, à exceção de um único ponto da Bahia; para **clavícula** há ocorrência de *cantareira* em 38 pontos e de *osso-da-fome* em catorze, ao lado do registo da própria forma *clavícula*, em apenas catorze pontos; para **útero**, em que a própria forma aparece em vinte e

uma localidades, tem-se o registro de *dona-do-corpo* em vinte e seis pontos; para *toriozelo*, cuja forma de langue foi anotada em apenas duas localidades, registrou-se *peador* em vinte e seis pontos, *rejeito* em treze e *junta* em vinte e seis. Os índices de ocorrência das formas postas em destaque deixam claro que as denominações inovadoras não são eventuais ou esporádicas nem se constituem em usos idiossincráticos de um ou outro informante. São, na verdade, designações generalizadas para recobrir os conceitos referidos e se distribuem por áreas diferenciadas, pelo menos desse contínuo geográfico Bahia-Sergipe.

Para efeito de análise, tomo, a seguir, algumas das denominações anotadas para cada um dos casos, passando a examiná-las no seu processo de formação-criação. Agrupo-as em três categorias: formas que revelam a aquisição do traço [+ humano]; metáforas de caráter popular; e lexias que apresentem ampliação da latitude semântica.

No primeiro grupo – formas que revelam a aquisição do traço [+ humano] – situam-se *presa*, *cabelouro*, *sangradouro*, *peador* e *machim*.

Presa — Os dicionários gerais da língua registram-na para “garra da ave de rapina” e também para “aquilo de que o animal carniceiro se apodera para comer”, anotando, ainda, a sua utilização para *dente canino*, como o faz Ferreira⁶ que ilustra a indicação com o seguinte passo de Aluisio Azevedo:

*Quando soltava uma das suas escandalosas gargalhadas, viam-se-lhe as presas (grifo nosso), solitárias como as presas de um cão, porque ele já não possuía os dentes da frente.*⁷

O percurso parece muito claro: do sentido inicial, etimológico, que indica aquilo que se apreende com a finalidade de ser comido, chega-se à denominação para os dentes dos animais, responsáveis pelo processo de apreensão e mastigação de alimentos carnívoros. O formado dos dentes caninos, marcadamente diferenciado dos dentes incisivos e, de certo modo, aproximado da conformação daqueles com idêntica função entre os animais, levou à transposição de uso, fazendo com que a forma adquirisse o traço [+ humano]. O alto índice de ocorrência – em todas as localidades de Sergipe e em quarenta e nove das cinquenta da Bahia – demonstra o caráter da lexia, não marcada do ponto de vista estilístico ou sociolinguístico, transformada, assim, na expressão geral no dialeto da área.

Sangradouro — Vem registrado nos dicionários como brasileirismo para indicar “lugar, no pescoço ou no peito dos animais, onde se golpeia para os matar”. A ocorrência única da forma para designar *clavícula*, documentada apenas no ponto 9 da Bahia, se por um lado indica uma não generalidade de uso, por outro, não deixa de informar sobre a

expansão do campo semântico da lexia que, aplicada aos animais, alcançou, também, a categoria [+ humano].

Cabelouro — Trata-se da designação para o “tendão ou ligamento que vai da cabeça à extremidade vertebral do boi ou de outros animais”. A ocorrência em nove pontos, quatro em Sergipe e cinco na Bahia, para designar **nuca** atesta mais um caso de aquisição do traço [+ humano] por uma lexia de uso reservado, pelo menos no padrão de uso da língua, à anatomia dos animais.

Peador — Termo usado para indicar o lugar onde se peiam as cavalgadas, forma derivada de *pear* que significa “prender com peias”. Ao local onde se põem as peias nos animais associam os nossos falantes rurais o tornozelo, parte do corpo humano. O número de ocorrências de *peador* para **tornozelo**, documentadas em vinte e uma localidades da Bahia, demonstra a extensão do uso da forma, dando-lhe assim caráter genérico, uma vez que as demais formas registradas, à exceção de *junta*, com ocorrência em vinte e seis localidades, não chegam a alcançar esse índice, como se viu demonstrado no quadro geral apresentado.

Machim — Esta última forma que exemplifica o grupo de lexias que assumem o traço [+ humano], é variante de *machinho*, brasileirismo que identifica a parte da pata do cavalo que fica perto do casco. Refere-se, portanto, à articulação do pé do cavalo. O registro dessa forma em apenas duas localidades de Sergipe não invalida a importância de sua ocorrência: trata-se de mais um caso em que uma forma reservada à anatomia animal adquire o traço [+ humano].

Num segundo grupo estão formas que apresentam ampliação da latitude semântica, nas quais se verifica, em função da presença de semas comuns, a sua aplicação a conceitos diferenciados. Nesse caso estão *cotovelo* e *bacia*.

Cotovelo foi registrado em cinco localidades para **tornozelo**. O caráter de articulação — do úmero e cúbito — e a proeminência do osso, que se atesta tanto na articulação do braço como naquela do pé, levam à expansão de sentido, fazendo com que se atribua ao tornozelo essa designação.

Bacia, para **útero**, talvez não deva ser tomada como um caso de ampliação semântica *stricto sensu* mas, mais especificamente, de parte pelo todo, caso típico de metonímia. Coloco-a, no entanto, nesse grupo por me parecer mais evidente a idéia de extensão do que a de particularização. As ocorrências não são numerosas: três casos apenas. A essas ocorrências pode-se acrescentar o registro de *bacio* em duas localidades, considerando-se que neste caso além da ampliação de sentido pode-se verificar a perda da motivação semântica, de que resulta, provavelmente, a mudança de gênero (de feminino para masculino).

O último grupo de que vou tratar compreende os casos de metáforas de caráter popular, regidas, como se verá, por motivações diferenciadas.

· Duas dessas designações recobrem o conceito de **clavícula**. São elas *cantareira* e *osso-da-fome*.

Cantareira documentou-se largamente na Bahia, em trinta e oito localidades. Os dicionários registram a forma como uma espécie de prateleira de pedra que se usa nas cozinhas para depositar cântaros com água e incluem, como brasileiro, o seu uso para clavícula. A metáfora no caso parece transparente: da associação que se pode estabelecer entre a prateleira para cântaros – a cantareira – e o ombro, com base na clavícula, em que se carregava, ou talvez se carreguem ainda, cântaros, provavelmente nasceu a denominação *cantareira* para clavícula. Dos comentários e notas aos informantes não consta nenhuma informação aclaradora quanto à origem da forma, mas a ausência de cântaros, hoje, talvez explique o fato que levou a que se perdesse a idéia da motivação.

Osso-da-fome, também para **clavícula**, encontra-se documentado em dez das quinze localidades de Sergipe e em quatro da Bahia, exatamente aquelas situadas na região limítrofe dos dois estados. A metáfora é muito clara: o estado de desnutrição e de fome conduzem a que se apresente de forma saliente o osso ântero-superior do tórax que se articula por um lado com a omoplata e pelo outro com o externo, embora se saiba, obviamente, que certas estruturas ósseas, independente de desnutrição ou fome, podem apresentar expostos esses dois ossos.

Para recobrir o conceito de **útero** documentaram-se as expressões *dona-do-corpo*, *mãe-do-corpo* e *senhora-do-corpo*, com ocorrências em, respectivamente, vinte e seis, cinco e uma localidade. Das três apenas a segunda encontra-se dicionarizada na acepção de útero, com a indicação de tratar-se de brasileiro e ser de uso popular.

- último conjunto de metáforas populares diz respeito às designações para **seio pequeno**. Observa-se, como de antemão já se pôde ver no quadro resumo de ocorrências apresentado, que o processo de metaforização tem por base dois caminhos específicos. De um lado, o da associação a frutas, todas elas da zona, seja na sua forma normal, seja no diminutivo, o que pode ser interpretado como uma maneira de atenuação ao se referir a esta parte do corpo humano ou mesmo um jeito delicado de se referir ao seio de jovens, uma vez que a pergunta se orientava no sentido de investigar o nome dado ao seio quando está nascendo e ainda pequeno. Assim registraram-se: *imbu*, *lima*, *liminha*, *limão*, *limãozinho*, *maracujazinho*, *laranja*, *mamão* e *mamãozinho*. De outro, constata-se a busca de elementos da natureza, como a associação às conchas de moluscos gastró-

podes, os búzios, de que se registram as formas *buzo*, *buzinho*, *buzinho do peito*, *buzinho do seio*.

Esse rápido passeio pela área semântica homem no léxico rural da Bahia e de Sergipe mostra a extrema riqueza na criação de formas e na busca de nomes a designar objetos, seres e situações do mundo cultural em que se inserem os falantes. Revela ainda a interação homem-natureza, homem-meio ambiente como se depreende da escolha das formas e dos próprios processos de metaforização. Põe em evidência que os fatos se repetem em áreas distintas o que nos leva a perguntar se se trata de um processo de evolução, que conduza a resultados idênticos em regiões diversas, ou se estamos diante de casos de difusionismo, em que, como ondas, se expandem as denominações de uma região para outra. Seja qual for o caminho para explicar a expansão de algumas formas por áreas tão extensas e distanciadas, seja quais forem as explicações para o processo de seleção vocabular que se atesta no homem do campo, resta-nos concluir com as palavras de Carlota Ferreira⁸

O léxico do homem rural ainda é, para nós, de todos os níveis lingüísticos o que apresenta maiores dados para estudos de caráter sócio-psico-etnolingüístico, que vem despertando tanto interesse nos últimos tempos. Inegavelmente, os atlas lingüísticos continuam sendo grandes fontes para trabalhos dessa natureza.

E acrescento: isso foi o que tentei demonstrar.

Notas

- 1 ROSSI, Nelson et alii. . Rio de Janeiro: MEC/INL, 1963.
- 2 FERREIRA, Carlota et alii. . Salvador: UFBA/FUNDESC, 1987.
- 3 A numeração se refere ao total de localidades em que se registra a forma.
- 4 A primeira indicação se refere ao número total de localidades em que ocorreu a forma na Bahia e o segundo número diz respeito a Sergipe.
- 5 Carlota Ferreira. "Polimorfismo e léxico (rótula em Sergipe)". In: Carlota Ferreira et alii, *Diversidade do português do Brasil. Estudos de Dialectologia rural e outros*. Salvador, PROED, 1ª ed. 1988, 2ª ed. 1994.
- 6 Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ª ed. revista e aumentada Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.
- 7 *O coruja*, p. 258-259. Apud Ferreira, op.cit. s.v.presa.
- 8 Op.cit. 1ª ed. p. 106, 2ª ed. p.